

**HOSPITALIDADE E ESTRANGEIRIDADE: UMA ANÁLISE SOBRE O  
ACOLHIMENTO NO TERRITÓRIO ESTRANGEIRO A PARTIR DA ANÁLISE  
DO FILME “BEM-VINDO”**

Gabriela Arantes Ferreira de Sales<sup>1</sup>

Juliana Ribeiro de Lima<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente artigo tem por objetivo analisar os movimentos migratórios internacionais, em especial, as movimentações dos povos curdos em direção ao leste europeu. Os curdos, grupo étnico de nativos do Curdistão, são aparentados com os povos iranianos e falam curdo, língua indo-européia do ramo iraniano; atualmente os curdos são a mais numerosa etnia sem Estado no mundo, sendo que aproximadamente 1,3 milhão de curdos migraram para a Europa Ocidental. Nesse sentido, a pesquisa faz uma análise sob a ótica da hospitalidade, partindo de uma perspectiva conceitual sobre as bases de acolhimento, admissão e aceitação no território estrangeiro e faz uma reflexão sobre a compreensão do sentimento do migrante ao iniciar um novo processo de construção de vínculos. Como objeto de análise, utilizou-se o filme “Bem-vindo” do diretor Philippe Lioret e o fundamento metodológico foi baseado em reflexões de Marie-Claire Grassi (2004) e Claude Raffestin (1993), que dialogam sobre a hospitalidade no sentido de transposição de espaço físico e psicológico, ação que materializa a transgressão de regras comportamentais pré-estabelecidas em determinadas sociedades.

**Palavras-chave:** Imigração. Hospitalidade. Movimentos migratórios internacionais. Curdos. Povos sem pátria

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi

<sup>2</sup> Aluna do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi

## **Introdução**

A hospitalidade pode ser caracterizada como a dádiva do acolhimento (Godbout, 2008). É característica da hospitalidade a permissão de entrada do estrangeiro em território particular, admitindo-se assim a transposição de uma barreira limiar, física e fronteira e também o ingresso em um espaço psíquico diferenciado, constituído a partir de normas e crenças pré-definidas pela cultura local. De acordo com Grassi (2004, pg. 14), “a hospitalidade apresenta-se como uma ponte frágil e perigosa lançada entre dois mundos: o exterior e o interior, o externo e o interno. Tentativa de igualar, de nivelar, o prêmio é a travessia, a abolição dos espaços, a penetração de territórios, a admissão”. Partindo desta perspectiva inicial sobre a hospitalidade, este estudo resgata uma objetiva análise para compreensão do sentimento do imigrante em território estranho, onde se faz necessário iniciar um novo processo de construção de vínculos com o autóctone.

O artigo analisa os movimentos imigratórios internacionais, em especial, as movimentações dos povos curdos em direção ao leste europeu e busca dialogar sobre o sentimento de pertencimento e admissão de imigrantes. Os curdos são um grupo étnico nativos de uma região referida como Curdistão, que inclui partes adjacentes de Irã, Iraque, Síria e Turquia. Etnicamente aparentados com outros povos iranianos, eles falam curdo, uma língua indo-européia do ramo iraniano; atualmente os curdos são a mais numerosa etnia sem Estado no mundo. De acordo com um relatório do Conselho da Europa, aproximadamente 1,3 milhão de curdos vivem na Europa Ocidental. Os primeiros imigrantes foram os curdos da Turquia, que se estabeleceram na Alemanha, Áustria, países do Benelux, Reino Unido (especialmente em Londres), Suíça e França durante a década de 1960 (CIA Factbook, 2009).

Nesse sentido, a pesquisa faz uma análise sob a ótica da hospitalidade, em uma perspectiva conceitual sobre as bases de acolhimento, admissão e aceitação do estrangeiro e faz uma reflexão sobre a compreensão do sentimento do migrante para a construção de novos vínculos. Como objeto de análise, utilizou-se o filme “Bem-vindo” do diretor Philippe Lioret, que apresenta a trajetória de um imigrante curdo, na tentativa

de entrar ilicitamente na Inglaterra. O fundamento metodológico foi baseado em reflexões de Marie-Claire Grassi (2004) e Claude Raffestin (1993), que dialogam sobre a hospitalidade no sentido de transposição de espaço físico e psicológico. O artigo busca ainda refletir sobre a construção de instâncias de poder em um território e sobre como as regras e leis estabelecidas por esse domínio são representadas de modo coletivo.

### ***1. Hospitalidade e Território***

Uma das contribuições para compreensão dos conceitos de hospitalidade a divide em três dimensões diferentes: doméstica, comercial e pública, desta forma, é importante recorrer aos estudiosos da área para melhor entendimento sobre os aspectos nela envolvidos.

A hospitalidade atua e aplica-se na dimensão doméstica, comercial e pública, considerando o território urbano e rural como sendo o *locus*, onde a hospitalidade, em se produzindo, está fundamentando suas manifestações mais complexas, como é o fato ter-se dado à “monetização completada cidade”, que fez prevalecer a relação de trocas de tipo puramente comercial. (GRINOVER, 2007, pg. 21-22)

Grinover (2007) coloca que a hospitalidade é considerada uma virtude e qualidade social, “permite a indivíduos e famílias, vindos e vivendo em lugares diferentes, construir sociedade, instalar-se e retribuir serviços e ajudas que facilitam, enquanto práticas de sociabilidade, o acesso a recursos locais, o compromisso de relações que ultrapassam a interação imediata e assegura a reciprocidades”. (GOTMAN in GRINOVER, 2007, pg. 27). Segundo Grassi (2004) a hospitalidade implica obrigatoriamente transpor um espaço, e estabelecer um ritual de acolhimento. O espaço a ser atravessado pode ser um nos seus dois componentes, urbano e doméstico ou um espaço psíquico, a travessia de outro território, o território do outro.

Para compreender as peculiaridades de transposição territorial é importante recorrer a um dos autores pioneiros na abordagem do espaço, Claude Raffestin (1993). Merece destaque na sua obra o caráter político do território, bem como a sua compreensão sobre o conceito de espaço geográfico, pois o entende como substrato, um palco, preexistente ao território.

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Para o autor, o território é tratado, principalmente, com uma ênfase político-administrativa, isto é, como o território nacional, espaço físico onde se localiza uma nação; um espaço onde se delimita uma ordem jurídica e política; um espaço medido e marcado pela projeção do trabalho humano com suas linhas, limites e fronteiras. Segundo o mesmo autor, ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator territorializa o espaço. Neste sentido, entende o território como sendo:

[...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por conseqüência, revela relações marcadas pelo poder. (...) o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder [...] (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Na análise de Raffestin (1993), a construção do território revela relações marcadas pelo poder. Assim, faz-se necessário enfatizar uma categoria essencial para a compreensão do território, que é o poder exercido por pessoas ou grupos sem o qual não se define o território. Poder e território, apesar da autonomia de cada um, vão ser enfocados conjuntamente para a consolidação do conceito de território. Assim, o poder é relacional, pois está intrínseco em todas as relações sociais. No caso deste artigo, a ênfase dada ao território se explica a partir das relações criadas com o “transpor” do estrangeiro a um espaço definido por leis, normas e crenças pré-moldadas pela sociedade anfitriã. Nesse sentido, há a travessia do espaço geográfico, uma vez que existe a migração, e num segundo momento, os outros elementos: urbano e psíquico, uma vez que os migrantes devem interagir com os indivíduos da nova realidade social em que está inserido.

## ***2. Fluxos de migração internacional: a diáspora curda***

A migração sempre foi um movimento populacional muito comum na história. Ela ocorre por diversos motivos, sendo que os principais são: busca de melhores condições de vida, procura de emprego, fuga de uma área de desastre natural ou

existência de guerras. Os emigrantes costumam buscar regiões com alto índice de urbanização, pois procuram boas condições de vida, emprego, educação e até mesmo saúde.

Os curdos são um grupo étnico que se considera como sendo nativo de uma região frequentemente referida como Curdistão, que inclui partes adjacentes de Irã, Iraque, Síria e Turquia. Comunidades curdas também podem ser encontradas no Líbano, Armênia, Azerbaijão (Kalbajar e Lachin, a oeste de Nagorno-Karabakh) e, em décadas recentes, em alguns países europeus e nos Estados Unidos. Etnicamente aparentados com outros povos iranianos, eles falam curdo, uma língua indo-européia do ramo iraniano. Todavia, as origens étnicas curdas são incertas. Curdistão é uma região com cerca de 500.000 km<sup>2</sup> distribuídos em sua maior parte na Turquia e o restante no Iraque, Irã, Síria, Armênia e Azerbaijão. Atualmente os curdos são a mais numerosa etnia sem Estado no mundo. São 26 milhões de pessoas, na sua maioria muçulmanos sunitas, que se organizam em clãs e, em algumas regiões, falam o idioma curdo. Suas maiores cidades são Mossul, Irbil, Kirkuk, Saqqez, Hamadã, Erzurum e Diyarbakır.

**Figura 1 - Mapa da região reivindicada pelos curdos**



Fonte: GOOGLE MAPS, 2010

De acordo com o CIA Factbook (2009), os curdos compreendem 20% da população da Turquia, de 15 a 20% no Iraque, possivelmente 8% na Síria, 7% no Irã e 1,3% na Armênia. Em todos estes países com exceção do Irã, os curdos formam o segundo maior grupo étnico. Aproximadamente 55% dos curdos no mundo vivem na

Turquia, 20% no Irã, 20% no Iraque e um pouco menos de 5% na Síria. Estas estimativas estabelecem o número total de curdos entre 27 e 36 milhões.

Segundo a *Encyclopaedia Kurdistanica (ano)*, os curdos são descendentes de todos aqueles que tenham historicamente se fixado no Curdistão, e não de um grupo em particular. Assume-se que sua língua original foi influenciada e gradualmente substituída pelo iraniano do noroeste, com a chegada dos medos ao Curdistão. A língua curda pertence ao subgrupo noroeste das línguas iranianas, que por sua vez pertence ao ramo indo-iraniano da família de línguas indo-européias. O curdo deve ter evoluído a partir de línguas caucasianas e do aramaico devido a certas peculiaridades que a fazem distinta das outras línguas iranianas. A maioria dos ancestrais dos curdos falava várias línguas da família indo-européia. A língua original dos curdos foi o hurrita, uma língua não indo-européia que pertencia à família caucasiana. A antiga língua foi substituída pelo indo-europeu por volta de 850 a.C. com a chegada dos medos ao Curdistão. Todavia, a influência do hurrita no curdo ainda é evidente na sua estrutura gramatical ergativa e nos topônimos.

A maioria dos curdos são bilíngües ou políglotas, falando as línguas dos povos da vizinhança tais como o árabe, o turco e o persa como segunda língua. Os judeus curdos e alguns cristãos curdos habitualmente falam aramaico (por exemplo, lishana deni) como sua primeira língua. O aramaico é uma língua semítica muito mais próxima do árabe e do hebraico que do curdo.

A cultura curda é o legado de vários povos antigos que moldaram os modernos curdos e sua sociedade, principalmente de três povos: os hurritas nativos, os iranianos antigos (medos) e os muçulmanos. A cultura é muito próxima daquelas dos povos iranianos; os curdos, por exemplo, também celebram o Noruz (21 de Março) como Dia de Ano Novo.

De acordo com um relatório do Conselho da Europa, aproximadamente 1,3 milhão de curdos vivem na Europa Ocidental. Os primeiros imigrantes foram os curdos da Turquia, que se estabeleceram na Alemanha, Áustria, países do Benelux, Reino Unido (especialmente em Londres), Suíça e França durante a década de 1960. Períodos sucessivos de confusão política e social no Oriente Médio durante as décadas de 1980 e 1990 causou novas ondas de refugiados curdos para a Europa, a maioria do Iraque sob

Saddam Hussein e do Irã. Houve também uma imigração significativa de curdos para a América do Norte, principalmente refugiados políticos e imigrantes em busca de oportunidades econômicas. Estima-se que 100.000 curdos vivam nos Estados Unidos, 50.000 no Canadá e menos de 15.000 na Austrália. O filme analisado, Bem-vindo, de Philippe Lioret, aborda as políticas de imigração européias por meio da história de um garoto curdo que deixa o Iraque e parte em uma jornada para reencontrar a namorada na Inglaterra. Em Calais, impedido de continuar, o rapaz decide cruzar o Canal da Mancha a nado. Simon, um professor de natação da cidade, se coloca em risco para treinar secretamente o jovem refugiado.

### ***3. Hospitalidade e Estrangeiridade: a passagem pelas barreiras materiais e imateriais***

Segundo Raffestin (1993), a formação da cidade pode ser explicada pelo estabelecimento de descontinuidades espaciais, temporais e culturais resultantes de mutações políticas, econômicas e sociais que condicionaram uma territorialidade original. Essas condições definem o conjunto das relações que uma sociedade mantém. De acordo com Raffestin, existe uma barreira imaterial criada a partir dos códigos pré-estabelecidos em cada comunidade. Ele chama esse limite de “Semiosfera”.

Essa noção de limite não é somente material, mas também imaterial ou abstrata, remetendo a valores e a códigos que tem valor legal no interior por oposição ao exterior. Quem está no interior se refere a esses valores e a esses códigos e interpreta o que vem do exterior em função desse sistema de valores e códigos. Vamos chamá-lo de semiosfera. A semiosfera é esse espaço semiótico fora do qual a semiotização não é possível. Sua fronteira tem um caráter abstrato, já que o fechamento as semiosfera é revelada pelo fato que ela não pode ter relações com o que lhe é estrangeiro. Para que os elementos do exterior adquiram para ela uma realidade, é preciso “traduzi-los” na linguagem do espaço interno ou semiotizar os fatos não semióticos (RAFFESTIN, 1993).

Para o autor os códigos criados dentro dos limites deste núcleo podem reger e estabelecer a legislação de um território (conjunto de leis, valores e símbolos). Todos os que vêm de fora são contestados por essas regras internas que norteiam o território. Podemos analisar no filme “Bem-vindo”, que o conjunto de códigos percebidos em território francês se tornam evidentemente contrastantes como os valores e símbolos apresentados pelo imigrante curdo. As oportunidades para o processo de

desenraizamento do imigrante no filme, são apresentadas de forma hostil, em uma seqüência de cenas em que pode-se denotar que os padrões que formam os signos da cultura francesa são melhores do que os demonstrados pelos estrangeiros. Para Raffestin,

Os estrangeiros que pedem hospitalidade podem ultrapassar o limite material que o separa de um lugar com que sonha, ou pôde sonhar, mas ele se confronta, em quase todos os casos, com o limite não visível da semiosfera do lugar de acolhimento: essa é muito mais perversa porque, sem ter que ultrapassar, é ela que lhe dará um sentido ou lhe recusará. (RAFFESTIN, 1993).

Raffestin supõe que a passagem da exterioridade para a interioridade prevê uma autorização ou um convite controlado por um rito, justamente o da hospitalidade, atributo que enquanto “ponte” entre dois mundos, pode funcionar como elemento sintático na vida social que exprime a articulação entre o conhecido e o desconhecido, entre o localizado e o errante, entre o amigo e o inimigo, segundo as circunstâncias. Em um momento do filme, onde há a hospitalidade no lar, entende-se que a barreira entre exterioridade e interioridade foi quebrada e nesse momento de acolhimento, o estrangeiro pode se sentir seguro, após transpor a barreira da confiança e poder usufruir da aliança proporcionada pela dádiva do acolher. Nesse instante o imigrante tem a sensação de sentir parte de um novo mundo conquistado; sente-se aceito, recebido e admitido em território estranho. Como enfatiza Milton Santos:

O território não é apenas o conjunto de sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como território usado, não território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar de residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 2002, p.10, grifo do autor).

Ainda segundo Raffestin (1993) o território é produto dos atores sociais, do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações, pequenas ou grandes. São esses atores que produzem o território, composto por malhas, nós e redes, partindo da realidade inicial dada que é o espaço, passando a implantação de novos recortes e ligações. Dessa maneira, para o autor, a malha, também denominada tessitura é (...) a projeção de um sistema de limites ou fronteiras, mais ou menos funcionalizadas (...). A tessitura é sempre um enquadramento do poder ou de um poder. A escala da tessitura determina a escala dos poderes. Há poderes que podem intervir em todas as escalas e



aquelas que estão limitadas às escalas dadas. Finalmente, a tessitura exprime a área de exercício dos poderes ou a área de capacidade dos poderes (RAFFESTIN, 1993, p.154).

Essa reflexão nos permite considerar que o filme apresenta claramente a trama de poder, representada de forma coletiva. São muitos os franceses que incorporam as linhas do poder determinadas pelo governo e acabam por reproduzir essas instruções a partir de um comportamento omissivo ou às vezes delator. Nesse caso, os atores são produtos de um território repleto de repressão com margens à agressão aos estrangeiros que adentram ao espaço sem permissão. E nesse espaço, aqueles que conhecem as normas e ainda assim alimentam a transgressão das mesmas, são considerados culpados e deverão ser punidos. Assim, o imigrante nesse território sente-se marginal, questionado por sua conduta e diminuído em condição de fugitivo.

Para um entendimento sobre o nacionalismo explicitado no filme, é importante frisar que a partir do século XV, um certo sentimento nacionalista aparece na França; passar do fora para o dentro, é passar por uma identificação social obrigatória (CONTAMINE, 27). É o momento no qual tomam lugar “as carteiras de naturalidade”, fala-se então de “natureza francesa” (SAHLINS, 1081). O estrangeiro (forasteiro), o hóspede indesejável, pertencendo à categoria dos errantes sem justificativa, permanece diante das portas de entrada das cidades emparedadas, circundadas, protegidas (HEERS, 328).

Pode-se considerar assim, que a malha é a base, ou o substrato do território, é o que há de mais concreto e enraizado. Os limites da malha são definidos pela ação dos nós ou dos pontos, os quais estabelecem redes ou fluxos, reforçando os limites ou as fronteiras dessa malha e dando dinamicidade ao território. Segundo o autor em questão, os pontos simbolizam a posição dos atores, representando locais de poder e referência, lembrando que existe uma multiplicidade destes agindo sobre o mesmo. Estes atores, não necessariamente se opõem, (...) agem e, em consequência, procuram manter relações, assegurar funções, se influenciar, se controlar, se interditar, se permitir, se distanciar ou se aproximar e, assim, criar redes entre eles. Uma rede é um sistema de linhas que desenham tramas. Uma rede pode ser abstrata ou concreta, invisível ou visível. A idéia básica é considerar a rede como algo que assegura a comunicação (...) (RAFFESTIN, 1993, p.156).

Para Raffestin, a admissão territorial é (...) um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas (...) todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais (RAFFESTIN, 1993, p. 158-159).

Assim, considera-se que a territorialidade gira em torno das ações, estratégias, políticas que mantêm as relações de poder dos atores sobre seu território. Estes projetam ações e usufruem de seus resultados que, a priori, visam uma autonomia maior do território frente a poderes exógenos, os quais, não raro, apresentam objetivos divergentes. Além disso, tais ações, estratégias e políticas acabam caracterizando, diferenciando o território do seu entorno. Com base nisso, tem-se que a territorialidade consiste nas relações dos atores para com seu território, o que por sua vez, permite identificá-lo como tal. Como base no filme, é notório como os franceses, apresentados, podem identificar ao longe um imigrante. Além do sentimento nacionalista, o governo francês inspirou ao povo, também, o sentimento de repulsa e aversão ao estrangeiro. Por isso todos os que não eram “de dentro” eram facilmente identificáveis e poderiam ser julgados como desonrados e não merecedores de viver como nação francesa. Os imigrantes eram tidos então como sujeitos, doentes, causadores de doenças e que poderiam contaminar a população francesa. Em consequência são restringidos e têm seus acessos limitados em determinados locais. São proibidos de adentrar ao comércio, não são aceitos em hospedarias e não podem circular livremente pela cidade. Nessa perspectiva, sentem-se isolados, acuados pelo medo e pela intolerância local e não conseguem prosperar e em muitos dos casos isolam-se nas periferias da cidade ou retornam às cidades de origem. A cidade, como espaço organizado e habitado pelos nativos, impõe desde sempre coabitação e mesclagens diversos. Ao estrangeiro é atribuído uma identidade negativa, é o sem nacionalidade, o sem cidadania, o sem teto, o sem documento, às vezes o inimigo político ou social.

Na análise de Raffestin (1993), a construção do território revela relações marcadas pelo poder. Assim, faz-se necessário enfatizar uma categoria essencial para a

compreensão do território, que é o poder exercido por pessoas ou grupos sem o qual não se define o território. Poder e território, apesar da autonomia de cada um, vão ser enfocados conjuntamente, assim, o poder é relacional, pois está intrínseco em todas as relações sociais. No filme “Bem-vindo” nota-se que o poder exercido pela política governamental francesa, tem um regime objetivo e rigoroso sobre a entrada de estrangeiros no país. Em um forte espírito nacionalista, as normas institucionais são colocadas de forma explícita e os imigrantes devem ser tratados de acordo com as conformidades prescritas, caso contrário a punição também seria concedida para aqueles que por ventura estivessem permitindo a permanência de estrangeiros em território francês.

Segundo Santos e Silveira (2004, p. 19), a territorialidade pode ser compreendida como sinônimo de “pertencer àquilo que nos pertence”. Entende-se que isso permite formar uma consciência coletiva, pois os atores possuem algo em comum, o seu território, servindo como fator de conexão entre os mesmos. Isso por sua vez pode facilitar a busca coletiva por mecanismos de desenvolvimento territorial.

Para Grassi (2004), a hospitalidade apresenta-se como um gesto de compensação, de colocar em pé de igualdade, uma atitude de proteção, no mundo onde o estrangeiro pelas suas origens não tem lugar. Ela classifica a permissão do transpor espacial como a travessia de uma ponte frágil e perigosa lançada entre dois mundos: o exterior e o interior, o externo e o interno. “Tentativa de igualar, de nivelar, o prêmio é a travessia, a abolição dos espaços, a penetração de territórios, a admissão” (GRASSI, 2004). O convite, o acolhimento, a caridade, a solidariedade, parecem ser modalidades vizinhas e derivadas de uma forma inicial de hospitalidade. Nesse caso, a hospitalidade torna-se um gesto de equiparação simbólica, que implica obrigatoriamente transpor um espaço e estabelecer um ritual de acolhimento.

Grassi (2004) também coloca que o espaço a ser atravessado pode ser um espaço geográfico, nos seus dois componentes, urbano e doméstico ou um espaço psíquico, a travessia de outro território, o território do outro, sendo que os dois estão interligados, pois, quase sempre, qualquer território geográfico implica em território da alteridade. Ou seja, “a noção de limite é dupla, geográfica e antropológica, ela materializa a transgressão de regras comportamentais precisas e específicas” (GRASSI, 2004, p.4).

Neste sentido que ficam claras as duas barreiras: a física (material), que para Grassi é a transposição geográfica e a psicológica (imaterial), ou antropológica que seria a aceitação dos autóctones ou anfitriões de um novo ser (estrangeiro/errante) em sua cultura, em seu mundo, em seu território.

Outro fator importante citado por Le Brás se refere ao tempo da hospitalidade:

Uma vez que o próprio do hóspede é não ficar, sem o que ele se torna membro e se instala no espaço. Conseqüentemente só é possível outorgar-lhe um direito de residência temporária. Ser assimilado a uma comunidade, é perder, como o meteco, o estatuto de hóspede. É preciso falar do tempo da hospitalidade, ou para dizer melhor, da brevidade dos vários tempos, dos diversos hóspedes, pois “a hospitalidade é somente uma etapa, ela não pode expressar uma disposição constante dos seres, mas ela se endereça sempre a novos parceiros temporários, é um rito de passagem ou de iniciação aos laços sociais”(LE BRÁS, apud, GRASSI, 2004, p.3) .

Refletindo um pouco a cerca desta passagem, temporalidade da hospitalidade, que fica um pouco mais difícil de envolver a aceitação ou acolhimento do anfitrião (autóctone) ao novo hóspede (imigrante), uma vez que o mesmo não ficará de passagem, mas pretende estabelecer um novo vínculo com a comunidade e ser aceito como membro, novo morador no espaço material e imaterial de uma determinada comunidade, cidade, estado ou país.

Diante desta complexidade que envolve o acolhimento, percebe-se que desde o início da história da humanidade, na oposição entre exterior e interior, inserção e exclusão, mas também no seu corolário, a oposição entre nomadismo – até mesmo os errantes – e o sedentarismo, ou seja, desde quando o homem precisou transpor territórios, a hospitalidade passa a ser uma proposta de acolhimento, amizade, de vínculos entre dois seres, ou dois mundos, o imigrante/migrante e a comunidade anfitriã. E fica na mão destes dois atores a aceitação ou não desta proposta de vínculos que deve partir tanto do anfitrião que dará o acolhimento, como do forasteiro que aceitará esta hospitalidade.

### **Considerações Finais**

Com base na análise do filme “Bem vindo” e por meio da revisão bibliográfica realizada, foi possível constatar que os códigos criados dentro dos limites de um núcleo receptor podem reger e estabelecer a legislação de um território, esses códigos são

definidos por um conjunto de leis, valores e símbolos. Todos os que vêm de fora, os estrangeiros, são contestados por essas regras internas que norteiam aqueles que pertencem à essa cultura.

Os imigrantes, em um novo território, têm sua presença questionada pelo nativo integrado, porque a identidade de um indivíduo, como a de uma nação, se constrói em relação à estrangeiridade, à extraneidade (RAGI 187). A extraneidade leva consigo um perigo. Por tais razões, aquele que é diferente, é amontoado nos limiares, nas entradas, e dificilmente ultrapassa as portas que conduzem ao centro organizado da cidade. O errante, o forasteiro, faz parte da desordem urbana. Essa marginalização em relação ao espaço urbano ordenado, organizado, essa perenidade do gueto social, não fica sem lembrar o rito de purificação, o quanto simbólico, do *phamakos* no mundo grego, gesto de desinfecção do mal estrangeiro ou do bode expiatório.

Raffestin supõe que a passagem da exterioridade para a interioridade prevê uma autorização ou um convite controlado por um rito, justamente o da hospitalidade, atributo que enquanto “ponte” entre dois mundos, pode funcionar como elemento sintático na vida social que exprime a articulação entre o conhecido e o desconhecido. Como base no filme, é notório como os franceses, apresentados, podem identificar os imigrantes. São proibidos de adentrar ao comércio, não são aceitos em hospedarias e não podem circular livremente pela cidade. Nessa perspectiva, sentem-se isolados, acuados pelo medo e pela intolerância local e não conseguem prosperar e em muitos dos casos isolam-se nas periferias da cidade ou retornam às cidades de origem. No filme “Bem-vindo” nota-se que o poder exercido pela política governamental francesa, tem um regime objetivo e rigoroso sobre a entrada de estrangeiros no país. Em um forte espírito nacionalista, os imigrantes devem ser tratados de acordo com as conformidades nacionais.

Neste sentido, é possível observar que o próprio regime político francês oprime os próprios cidadãos de praticar algum tipo de hospitalidade com os imigrantes ilegais (no caso do filme, os curdos) que tentam se estabelecerem na França de passagem, com o intuito de cruzar o canal da Mancha, em direção a Inglaterra.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec; Recife: IPESPE, 1995.

ÂNGELO, A. **A presença dos Cordelistas e Cantadores Repentistas em São Paulo**. In: Cidade. Ano 2. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico. 1996.

BAPTISTA, D. M. T. **Nas terras do “Deus Dará”**: Nordestinos e suas redes sociais em São Paulo”. (Tese de doutorado em Ciências Sociais) - São Paulo, PUC, 1998. 324 p.

BASTOS, Sênia. **Hospitalidade e história: a cidade de São Paulo em meados do século XIX**. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti e BUENO, Marielys Siqueira (Orgs.). Hospitalidade: cenários e oportunidades. São Paulo: Thomson, 2003.

BELCHIOR, Elysio de Oliveira; POYARES, Ramon. **Pioneiros da hotelaria no Brasil**. Rio de Janeiro: Senac, 1987.

BISON, P. W. **A volta por cima: mulheres migrantes entre o Vale do Jequitinhonha e São Paulo**. (Dissertação de mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia da FFLCH, São Paulo, USP, 1995. 78 p.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti e BUENO, Marielys Siqueira (Orgs.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Thomson, 2003.

ESTRELA, E. S. **Os sampauleiros do Alto Sertão da Bahia** (Cotidiano e Representações). (Dissertação de mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia da FFLCH, São Paulo, USP, 1999, 209 p.

GODBOUT, Jacques T. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GRASSI, Marie-Claire. **Hospitalité. Passer lê seuil**. In: MONTANDON, Alain. Livre de l'hospitalité. Paris: Bayard, 2004.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Seca e migração no nordeste**: reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/111.html>>. Acesso em: 01 dez. 2009.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985. \_\_\_\_\_  
Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia.  
São Paulo: Hucitec, 1996. \_\_\_\_\_ A natureza do espaço: técnica e tempo.  
Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002a.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (org.). **Território:**  
globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec; Annablumme, 2002b.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século  
XXI. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e tempo. Razão e Emoção**. 2. ed.,  
São Paulo: Hucitec, 1997.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Sobre o conceito de território:** um exercício metodológico  
para a leitura da formação territorial do sudoeste do Paraná. In: RIBAS, A. D.;

SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. **Território e Desenvolvimento: diferentes  
abordagens**. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O território:** sobre espaço e poder. Autonomia e  
desenvolvimento. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.).  
Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.77-  
116.

WALKER, John R. **Hospitalidade: uma perspectiva histórica**. In: Introdução à  
hospitalidade. São Paulo: Manole, 2002.

WALTON, John K. **O negócio da hospitalidade: uma história social**. In: LASHLEY,  
Conrad; MORRISON, Alison (Orgs.). Em busca da hospitalidade. Perspectivas para um  
mundo globalizado. São Paulo: Manole, 2004.